



Março / 2024

www.patriciaborges.com

BIO

PATRICIA BORGES (Brasil, 1974) Formada em Arquitetura e Urbanismo pela PUC-PR, Fotografia pelo Australian Centre For Photography (Sydney-AU), Joalheria pelo IED-Instituto Europeo di Design, Direção de Fotografia e Roteiro pela AIC-Academia Internacional de Cinema. Estuda na EAV Parque Lage desde 2015 e é mestranda no departamento de Artes e Design da PUC-RJ. Artista multimídia, usa experiências do campo da arte e da arquitetura para construir uma relação sensível com as matérias. Suas obras trazem noções de tempo, isolamento, rigor e fragilidade. Frequentemente associadas ao universo feminino. Nos últimos anos, passou a utilizar exclusivamente materiais comprados pela internet para compor instalações, fotografias e objetos - vários deles descartados ou reutilizados após serem digitalizados, integrando sua pesquisa sobre a impermanência. Premiada nas bienais de arte de Florença e Roma. Seu trabalho de arte foi apresentado nos últimos dez anos em publicações e mostras coletivas no Brasil e exterior. Fazendo parte de importantes coleções particulares e acervos de três museus.

Exposições recentes incluem o 228e Salon des Artistes Français, Grand Palais - Paris (2018), Tokyo Art Fair - Japão (2018), Circuito de Arte Contemporânea de Curitiba (2019), Luxembourg Art Fair (2019), Photo Israel (2019), SSA Annual Exhibition - Edimburgo (2019 e 2021), Festival de Tiradentes (2020), Trieste Photo Days (2020), Copenhagen Photo Festival (2020) e Quiet Scene no Los Angeles Music Center, com Brian Eno (2021). Em 2022 no Museu Universitário do Ceará, na Fundação Ibero Camargo em Porto Alegre, FotoRio, Parque das Ruínas, Centro Cultural dos Correios-RJ e The Royal Photographic Society, UK. Em 2023, participou da mostra ZUM/IMS em Tiradentes, Off-Flip em Paraty, coletivas na Z42 e Solar dos Abacaxis RJ, e fez a curadoria em arte digital da ETH Milan, Itália. Em 2024 participa de janeiro a março da residência artística Instinc em Singapura

ARTIST STATEMENT

Minhas obras são filhas do calor e da umidade. Falam de um estado interno, um barulho interior, enquanto o silêncio apresenta-se ao mundo exterior. Elas sussurram os absurdos de nossa era paradoxal e ambígua. Me interessa a noção de incompletude, os estados transitivos, a inadequação e o desconforto causado por nossa percepção leitosa da realidade. Habito ali onde nem tudo é visto, mas está - ou esteve.

O raciocínio parece sempre partir do processo da fotografia analógica. É químico, é limite. A imagem que está surgindo ou já desaparecendo ora ganha um corpo-objeto com direito/avesso, ora instala-se no espaço, ganha movimento, repetições; ou perde a estabilidade que encontrava no universo material ao transformar-se em bits ou palavras.

Me interessa cada vez mais produzir obras impermanentes que sofrem alterações ao longo do tempo, que tornam-se outra coisa. Fisicamente, o mesmo espectro UV que usei no processo seguirá agindo sobre o trabalho. Afastando-o em infidelidade de sua versão digitalizada. A ação do tempo sobre os corpos construídos torna-se recorrente em minha pesquisa.